

Saúde dos rios, saúde dos povos e do planeta: um olhar sobre o documentário Saúde! Velho Chico, de Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Vilela Thielen

Health of the rivers, health of the peoples and of the Earth: an analysis of the documentary Saúde! Velho Chico, by Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Vilela Thielen

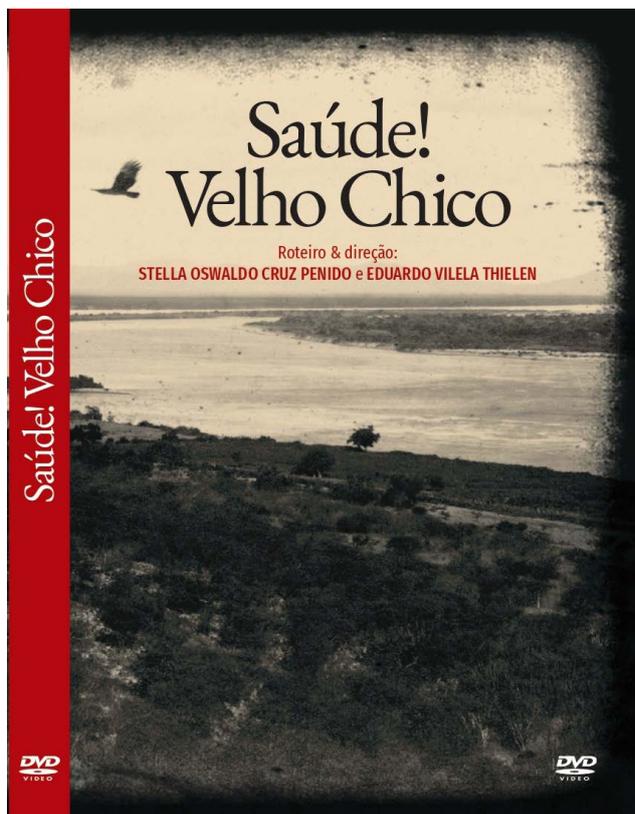
Salud de los ríos, salud de los pueblos y de lo planeta: una análisis del documental Saúde! Velho Chico, de Stella Oswaldo Cruz Penido y Eduardo Vilela Thielen

André Felipe Cândido da Silva^{1,a}

andrefelipe.fiocruz@gmail.com | <http://orcid.org/0000-0002-3766-6725>

¹ Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

^a Doutorado em História das Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz.



Resumo

Análise do documentário Saúde! Velho Chico, de Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Vilela Thielen, tomando-o como registro, a um só tempo, dos padrões históricos de interação com o Rio São Francisco e de alternativas capazes de construir uma relação mais sinérgica e sustentável com as águas fluviais. O filme contrapõe as metanarrativas do desenvolvimento – legitimadoras de intervenções como hidrelétricas, barragens, projetos de irrigação para a agricultura industrial e o controverso projeto de sua transposição – a formas de relação estabelecidas pelas diversas populações ribeirinhas, das quais a vida, o corpo e as culturas são construídos em estreita simbiose com o rio.

Palavras-chave: Rio São Francisco; Projetos de desenvolvimento; Projeto de transposição; Populações ribeirinhas; Agroecologia.

Abstract

This review analyzes the documentary Saúde! Velho Chico, scripted and directed by Stella Oswaldo Cruz Penido and Eduardo Vilela Thielen, taking it as a record of the historical patterns of interaction with the Rio São Francisco (São Francisco River) and at the same time of alternatives based on the building of more synergistic and sustainable relationships with river waters. In this sense, the film contrasts the metanarratives of development – which legitimize interventions such as hydroelectric dams, irrigation projects for industrial agriculture as well as the controversial transfer of the São Francisco River project – with relationships established by the riverside populations, who have a close symbiosis between their life, body and cultures and the river.

Keywords: Rio São Francisco; Development projects; Transfer of the São Francisco River project; Riverside populations; Agroecology.

Resumen

Análisis del documental Saúde! Velho Chico, con guión y dirección de Stella Oswaldo Cruz Penido y Eduardo Vilela Thielen, entendido como un registro, al mismo tiempo, de los patrones históricos de interacción con el Rio São Francisco (río San Francisco) y de alternativas capaces de construir una relación más sinérgica y sostenible con las aguas de los ríos. La película contrasta las metanarrativas del desarrollo – que legitiman intervenciones como represas hidroeléctricas, proyectos de riego para la agricultura industrial y el controvertido proyecto de transposición del río – con formas de relación establecidas por las diversas poblaciones ribereñas, que tienen la vida, el cuerpo y las culturas en estrecha simbiosis con el río.

Palabras clave: Rio São Francisco; Proyectos de desarrollo; Proyecto de transposición del río; Poblaciones ribereñas; Agroecología.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Ficha técnica da obra resenhada:

Título: Saúde! Velho Chico.
Direção: Stella Oswaldo Cruz Penido e Eduardo Vilela Thielen.
Produção: Videosaude Distribuidora da Fiocruz.
Distribuição: Videosaude Distribuidora da Fiocruz.
Data: 04 dez 2018.
Duração: 52 minutos.
Disponível em: acervo físico da Videosaude Distribuidora da Fiocruz.

Declaração de conflito de interesses: não houve.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: não há.

Histórico do artigo: submetido: 29 maio 2019 | aceito: 09 jul. 2019 | publicado: 20 dez. 2019

Apresentação anterior: não houve.

Licença CC BY-NC atribuição não comercial. Com essa licença é permitido acessar, baixar (*download*), copiar, imprimir, compartilhar, reutilizar e distribuir os artigos, desde que para uso não comercial e com a citação da fonte, conferindo os devidos créditos de autoria e menção à Reciis. Nesses casos, nenhuma permissão é necessária por parte dos autores ou dos editores.

Em 1912, os pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) Adolfo Lutz e Astrogildo Machado foram encarregados, pela Inspetoria de Obras Contra as Secas, implementada apenas um ano antes, de percorrer o rio São Francisco, entre as cidades de Pirapora e Juazeiro. Lutz e Machado inventariaram as patologias observadas, plantas e animais da região e descreveram de forma breve as populações locais. Mais de cem anos depois, equipe dirigida por Stella Oswaldo Cruz Penido, da Casa de Oswaldo Cruz (COC-Fiocruz), e Eduardo Vilela Thielen, do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (Icict-Fiocruz), revisitou a mesma região, registrando em depoimentos os processos de mudanças que acometem o Velho Chico nos últimos anos. Disso resulta a narrativa potente e delicada do documentário Saúde! Velho Chico, lançado no final de 2018, produto de uma colaboração entre a COC, o Icict e o Instituto René Rachou.

Se no relatório de Lutz e Machado, as populações locais ocupam o segundo plano de uma minuciosa descrição das paisagens e doenças, no documentário são elas as protagonistas que relatam a estreita relação com o rio e os modos como as intervenções sobre as águas impactam suas atividades e existências. Não somente os ribeirinhos, mas também representantes de agências privadas e estatais, lideranças de movimentos sociais e pesquisadores compõem o coro de vozes que documenta os múltiplos aspectos envolvidos nas ações direcionadas ao São Francisco. Essa polifonia representa um ponto forte do documentário, que desta forma escapa do denunciamento e maniqueísmo implícitos nas reações contrárias a iniciativas como a polêmica transposição do rio. Aliás, o projeto que trouxe o velho Chico ao proscênio da arena pública desde que foi retomado pelo governo Lula não é o cerne da narrativa do filme, mas aparece nas imagens e depoimentos como mais uma intervenção que aborda suas águas como recurso para propósitos como irrigação de culturas agroexportadoras ou geração de energia. Embora a transposição não seja abordada de forma direta, o documentário fornece fartos subsídios da complexidade de interesses, motivações e consequências que acompanham o projeto. Assim, indica que a intrincada trama social, econômica, política e ambiental envolvida na transposição de forma alguma se esgota nas narrativas esquemáticas e dualistas que inundaram a mídia nos últimos anos.



Figura 1 – O filme apresenta uma crítica à 'metanarrativa do desenvolvimento', com seu viés colonial, universalista e etnocêntrico que tudo reduz à razão técnica
Fonte: Divulgação.

Apesar de apresentar essa multiplicidade de vozes e perspectivas, os documentaristas dão ênfase àqueles cujas vidas estão mais estreitamente entrelaçadas com o rio. É nas faces marcadas pela luta renhida pela existência, pela manutenção de suas terras, trabalhos, tradições e corpos que a câmera se detém com mais vagar, exibindo ao espectador o rico tecido social que abrange populações indígenas, comunidades quilombolas, camponeses e pescadores. Com isso, o documentário traz uma crítica potente e necessária à persistência de dois padrões históricos inscritos na relação com o Velho Chico, os quais são epítomes da própria relação das sociedades humanas com as águas fluviais e com o próprio mundo natural. O primeiro, uma crítica à “metanarrativa do desenvolvimento”¹, com seu viés colonial, universalista e etnocêntrico que tudo reduz à razão técnica. O segundo padrão, ligado ao primeiro, diz respeito à visão das águas como *commodity*. Os dois padrões confluem nas ações que, há décadas, intervêm no curso do São Francisco e são responsáveis pela modificação de seu metabolismo, com as dramáticas consequências socioambientais que o documentário evidencia. Constata-se que o rio percorrido por Lutz e Machado ‘não existe mais’. As contínuas intervenções sobre os cursos d’água resultaram em um rio ‘anêmico’, “com envenenamento crônico”, como denuncia um dos depoentes do filme.

A persistência da “metanarrativa do desenvolvimento”¹ se faz presente, por exemplo, na fala do representante da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasp) em defesa das intervenções sobre o sistema hídrico. Para ele, o desenvolvimento é uma necessidade. ‘*Não tem como fritar um ovo sem quebrar a casca*’, argumenta, munido da racionalidade técnica que restringe a complexa problemática do rio a parâmetros que negligenciam os efeitos socioambientais de projetos como transposição, barragens, hidrelétricas, mineração e sistemas de irrigação. Entre esses efeitos, o documentário mostra o rebaixamento do nível de água, além do deslocamento de comunidades ribeirinhas que se tornam alienadas de suas formas de existência, desenvolvidas em simbiose com o Velho Chico. ‘*Nasci da beira do rio*’, diz uma das depoentes do documentário, em fala que expressa de forma bem clara essa sinergia. Ou seja, o rio não é meramente um lugar, um dado geográfico, mas a própria condição para sua existência. Muito embora se refiram ao mesmo objeto – o rio – os ribeirinhos e os próceres do desenvolvimento atribuem sentidos muito diferenciados a ele.

Como artéria que singra grande extensão do território brasileiro e atinge o semiárido nordestino, o São Francisco foi alvo de vários projetos gestados durante o “ciclo ideológico do desenvolvimentismo”² no Brasil. As barragens para geração de energia representaram as principais iniciativas nesse sentido, implementadas a partir dos anos 1950, como os complexos hidrelétricos de Três Marias, de 1952; os complexos de Paulo Afonso, inaugurados entre 1954 e 1979; a Usina Moxotó, de 1977; a Hidrelétrica de Itaparica, de 1988; e a de Xingó, de 1994³. O controle do rio pelas burocracias técnicas em tais projetos de infraestrutura denuncia um modelo de sociedade hierárquico e Estado despótico, alheio às delicadas dinâmicas do sistema fluvial, que integra animais, águas, humanos e plantas.

Além das consequências de interferências diretas sobre o curso d’água, o documentário mostra como o São Francisco sofre com a agricultura industrializada, uma das forças motrizes de projetos como a transposição e principal beneficiária deles. Essa agricultura industrial drena porção substantiva das águas, inclusive provocando seca de nascentes, como registra o filme. Também despeja no rio pesticidas e fertilizantes que comprometem sua utilização para consumo de humanos e animais, obrigando algumas populações a comprar água de caminhões pipa. Isso desvirtua um dos fundamentos originais do projeto de transposição – a dessedentação de grupos que vivem nas proximidades do rio. O documentário enfatiza as consequências danosas do uso intensivo de agrotóxicos no vale do São Francisco, com subnotificação dos atingidos por eles, principalmente os aplicadores que nem sempre dispõem da segurança necessária para utilizá-los.

O confronto de duas formas concorrentes de encarar o rio fica bastante claro no documentário: como recurso ou “fluxo de caixa”, numa visão eminentemente capitalista; e como “sangue vital da Terra”⁴, presente entre os vários segmentos sociais que vivem do rio e estabelecem com ele relação orgânica, horizontal, e

sensível às suas dinâmicas. Em “Pensando como um rio”⁴, o historiador norte-americano Donald Worster argumenta que o ciclo da água é metáfora do próprio mundo natural, seguindo formulação do grande conservacionista Aldo Leopold, para quem a natureza é “um rio circular”⁴. Segundo Worster, as interferências nos ciclos hidrológicos em favor da agricultura industrializada ignoram a lógica do próprio rio, que com isso sofre efeitos dramáticos, entre eles a salinização, o que aliás vem ocorrendo no São Francisco, como mostra o filme. Em contraposição a tal padrão, Worster defende uma agricultura capaz de atuar em sinergia com os fluxos de água, atenta ao ecossistema local, econômica e sustentável segundo os parâmetros do ciclo hidrológico do rio. A visão capitalista para ele é incompatível com a ideia de “rio circular”⁴, já que a harmonia ecológica não é valor de mercado. Mas o estabelecimento dessa agricultura efetivamente sustentável requer articulações coletivas, disposição pública para contrabalançar os interesses do mercado e novos quadros, novas percepções e uma nova ética. Para Worster, agricultura sustentável é aquela praticada nos marcos dos ciclos hidrológicos locais. O filme exemplifica o perfil de cultivo mais adequado às circunstâncias ecológicas como aquele praticado ‘do jeito tradicional’ que, por exemplo, mantém as matas ciliares com a finalidade de conservar os mananciais de água.



Figura 2 – É um olhar mais atento às concepções e práticas daqueles para quem o rio representa uma forma de sobreviver, existir e resistir

Fonte: Divulgação.

O documentário mostra que as populações locais não são alvos inertes das intervenções sobre o Velho Chico: algumas desenvolveram formas próprias de atividade agrícola, com esquemas sustentáveis de irrigação, mecanismos de captação da água da chuva, sem uso de pesticidas e fertilizantes. Ainda segundo o filme, soluções criativas e adaptadas aos fatores ecológicos locais por vezes são desenvolvidas com suporte de órgãos públicos, como a fenagem feita com plantas do semiárido a partir de protocolo da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa). Em outros casos, a resistência se dá pelo enfrentamento direto das forças policiais mobilizadas para garantir a desocupação das áreas de interesse dos projetos. É expressivo o contraponto com fotografia da época da expedição de Lutz e Machado, que exhibe guardas armados acoçando cidadãos. O estimulante recurso de confrontar imagens das duas épocas insinua a persistência da violência oficial contra populações locais que, como afirmaram Neiva e Penna em expedição

que percorreu o interior do país no mesmo ano que a de Lutz e Machado, do Brasil conhecem apenas a bandeira do divino e o cobrador de impostos.

O enfrentamento com as forças do desenvolvimentismo tem levado a uma escalada dos conflitos. O documentário relata 1.900 assassinatos desde 1985. Segundo Silva³, entre 2005 e 2014, 45 conflitos por água ocorreram na bacia do São Francisco. Mas o documentário retrata que a resistência também se dá pelas tradições populares mantidas e ressignificadas pelas diversas populações que vivem às margens do rio.

Menos do que o rio que em narrativa épica contribuiu para a integridade nacional, o São Francisco retratado no documentário caracteriza-se como território em disputa, como produto de relações sociais historicamente situadas, trazendo à cena uma multiplicidade de vozes ausentes das epopeias tendentes a legitimar a ideia de fronteiras abertas de regiões despovoadas. Esse *leitmotiv* legitima o padrão colonialista do desenvolvimento até períodos recentes.

Ponto importante do filme diz respeito à visão de saúde que emerge dos discursos e imagens: não como mera ausência de doenças infecciosas, perspectiva que subsidiou, há cerca de cem anos, o olhar de Lutz e Machado para os patógenos, vetores, hospedeiros humanos e não-humanos e suas relações com o ambiente. Os habitantes do São Francisco têm visão ecológica da saúde, por encará-la como resultante de interações integradas e orgânicas. Nessa concepção, corpo e ambiente são compreendidos como instâncias que se coconstituem em estreita correspondência. Fatores tais quais a qualidade ecossistêmica do rio e a presença de fauna e flora valem como indicadores de saúde. Quando uma das depoentes diz que tem o São Francisco dentro de si, que o rio corre em suas veias, ilustra essa interdependência entre corpos e lugares, em razão da qual a saúde da população resulta da própria saúde do ambiente. O desequilíbrio ecológico provoca o desequilíbrio orgânico dos indivíduos, humanos e não-humanos. Ao invés de instância delimitada, ameaçada por invasores externos, o corpo nessa abordagem é poroso e tem vínculos íntimos com a terra onde se situa.

Particularmente expressivo é o depoimento de uma agente de saúde, que defende, além dessa perspectiva ecológica, uma visão horizontalizada, segundo a qual cabe às redes de assistência restabelecer vínculos. A sintonia das populações com o ambiente faz com que a cura seja coletiva mais do que individual, em contraponto com o que é preconizado pelo padrão privatista de assistência. Segundo a entrevistada, as pessoas estão mais sofridas do que doentes, fala que denota essa visão holística de saúde, a qual vê de forma integrada o físico e o mental.

Por último, mas não menos importante, Saúde! Velho Chico mostra como os rios entrelaçam temporalidades, articulando presente, passado e futuro. São depositários das expectativas de futuro e lugares de memória⁵. O São Francisco, nesse sentido, testemunha uma crise socioambiental cujo presente é o rio ‘anêmico’, radicalmente distinto das águas caudalosas do passado – aquele ‘que não existe mais’ – e cuja projeção futura, a seguir as tendências vigentes, é a própria morte. A multiplicidade de vozes trazida pelo documentário desvela possibilidades abertas de futuro no presente, radicadas em padrões diferenciados de relação com as águas mais próximos da ideia do “rio circular”⁴. Assim, o filme atua como registro documental que sensibiliza quem o assiste para o enorme drama humano e ambiental ligado ao Velho Chico. Não cai em um registro fatalista, por mostrar a complexa trama do Brasil profundo e criativo, visitado e revisitado pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz desde o início de sua história, no alvorecer do século XX. Ao atualizar o percurso de Lutz e Machado cem anos depois, Saúde! Velho Chico guarda vínculos de continuidades com trabalhos anteriores dos documentaristas e alerta para a necessidade de novos paradigmas na relação com o ambiente, de uma concepção mais alargada de saúde que integre sua imersão no ecossistema, e de um olhar mais atento às concepções e práticas daqueles para quem o rio representa uma forma de sobreviver, existir e resistir. Surge em momento bastante oportuno em que é necessária conscientização acerca da crise hídrica, conscientização que o filme proporciona pela capacidade de atingir públicos diversos por intermédio de uma narrativa clara e sensível.

Referências

1. Carter ED. Malaria control in the tennessee valley authority: health, ecology, and metanarratives of development. *J Histor Geogr.* 2014 Jan;43:111-27.
2. Bielschowsky R. Pensamento econômico brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo. Rio de Janeiro: Ipea/Inpes; 1988.
3. Silva ACAB. As águas do Rio São Francisco: disputas, conflitos e representações do mundo rural. [tese na internet]. Campinas: Unicamp; 2017 [citado em 2019 maio 26]. Disponível em: http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/322631/1/Silva_AnaCarolinaAguerriBorgesDa_D.pdf
4. Worster D. Pensando como um rio. In: Arruda, G, organizador. A natureza dos rios: história, memória e territórios. Curitiba: UFPR; 2008. p. 27-46.
5. Arruda G. Apresentação: a natureza dos rios e os territórios. In: Arruda, G, organizador. A natureza dos rios: história, memória e territórios. Curitiba: UFPR; 2008. p. 7-25.